

Apresentação

Segundo o geógrafo português Orlando Ribeiro,¹ Portugal sempre esteve sujeito a um duplo destino: viver sobre si, isolado dos fluxos comerciais e geopolíticos e em permanente interação com os mais diversos povos. Uma dualidade contraditória que, desde uma perspectiva em que se acentuava a determinação da geografia e do clima sobre a conformação da cultura nacional, o autor associava a influência atlântica e mediterrânea. Um dualismo que acreditava bem sintetizado na fórmula “Portugal é mediterrâneo por natureza e atlântico por posição” e que identificava inscrito no tipo de vegetação, na agricultura, nas técnicas de produção, e em nos modos de vida. Grande parte do país sob a influência atlântica, considerando o oceano como o determinante para a “personalidade geográfica” de Portugal, e outras áreas de influência mediterrânea, já que apesar de não banhar as costas portuguesas, o mediterrâneo teriam sido decisivos na difusão de ideias, técnicas e culturas. Desde o mediterrâneo avançaram os romanos e os árabes recriando, no Sul de Portugal, um Portugal romano e um Portugal mourisco que foram se deslocando em direção ao Norte. Entretanto, foi através das viagens transatlânticas que Portugal tomou contato com regiões geográficas remotas da Ásia e da África e no fluxo das cidades-portos do litoral alimentando o imaginário de que o exótico podia caber sempre entre o local. Assim, a visão de Portugal como um espaço de agregação dos mais diversos povos,

¹ RIBEIRO, Orlando; LAUTENSACH, Hermann. *Geografia de Portugal*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1987.

“uma mistura de gentes e de plantas” que confluem na unificação portuguesa e ao mesmo tempo a influência dessas duas correntes geográficas e culturais, que Ribeiro associava a outras duplicidades territoriais, como o Norte e Sul, o interior e o litoral, terras quentes e terras frias, um Portugal húmido e outro árido, resultando em um mapa geográfico e cultural bastante diferenciado ao longo do território.

Se define, no século XII, como um pequeno reino entre os diversos reinos cristãos de uma Ibéria dividida com o Islã. Segundo Eduardo Lourenço², Portugal nasce em um quadro histórico de longo passado que será a matriz de sua mitologia. Um Estado que se constituiu com anterioridade à própria Nação Portuguesa, porque consolidou, prematuramente, com relação a outros Estados da Europa, uma unidade linguística e territorial. Uma *superidentidade portuguesa*, construída dos mais diversos laços culturais e sem fortes separatismos internos, mas que teria operado também como obstáculo para a mudança.³ Um pequeno reino cristão do século XII, que tivera um destino diferente ao dos outros pequenos reinos da Ibéria, como Castela, Leão, Aragão e Catalunha, que acabaram se incorporando à Espanha. A denominada *exceção portuguesa*, construída com base em um complexo sistema de alianças com povos vizinhos e distantes, que resultou em um caso singular de sobrevivência política e soberania territorial.⁴ Uma exceção que, ainda segundo Lourenço, teria engendrado nos portugueses sentimentos coletivos contraditórios.

Por um lado, um sentimento profundo de fragilidade nacional, e, por outro, o sentimento contrário de que essa fragilidade é na realidade um dom, uma dádiva, porque supõe o privilégio do único. Um território cujas cenas primordiais remetem a uma mitologia multicultural, da

² Lourenço, Eduardo. *Portugal como destino: seguido de Mitologia da Saudade*. 5. ed. Lisboa: Gradiva, 2012.

³ Gil, José. *Em busca da identidade: o Desnorte*. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

⁴ Lourenço, E. *op. cit.*

qual fazem parte os visigodos, os romanos, os judeus, os celtas, africanos bérberes, os muçulmanos, entre muitos outros. Um vasto universo de referências identitárias que nos propusemos narrar desde a contemporaneidade e desde as aldeias de Portugal, onde de fato habitaram muitos desses povos de referências históricas seculares.

Tratarei de identidades arcaicas e isso implica estar situado, no sempre renovado debate sobre as identidades culturais, na longa duração, já que estamos falando de grupos culturais do tempo da formação de Portugal e inclusive antes disso. Entretanto, trata-se também de identidades contemporâneas, no sentido delas reaparecerem na atualidade como espectros do que alguma vez foram.

Nossa pesquisa nas aldeias de Portugal aborda essas reaparições identitárias e isso pressupõe considerar, não somente o quadro das grandes transformações sociais e econômicas a partir da segunda metade do século XX, mas também o distanciamento secular que existe com relação aos próprios portadores dessas identidades. Porque as identidades podem reaparecer, mas os sujeitos históricos não. Por isso, refere-se a um campo de estudos que mantém uma relação peculiar com respeito aos sujeitos, como se tratássemos de conteúdos espectrais que procuram se encarnar.

Entretanto, o próprio conceito de identidade cultural está ontologicamente articulado com a presença: não há identidade sem entidades.⁵ Por trás dos conceitos modernos de identidade cultural ou étnica encontramos sempre o indivíduo humano que luta por ocupar um lugar na sociedade fragmentada ou manifesta um desejo de reconhecimento. São conceitos instaurados na modernidade para sublinhar a diversidade dos seres humanos, mas sempre remetem à persona, a sua individuação no contexto de grupos. Assim, quando se escuta o discurso da identidade

⁵ Geach, Peter. "Ontological Relativity and Relative Identity", In: Munitz, Milton (ed.), *Logic and Ontology*, New York:New York University, 1973.

cultural cada um escuta o anúncio de sua própria desapareição, talvez com a expectativa que essa identidade seja retomada por outros.

Falar sobre espectros envolve ficções e, como notara Ranciere⁶, esta remete a regimes estéticos que trazem à tona diferentes problemáticas teóricas e filosóficas, como a do vínculo entre a ficção e o real e as relações entre presença e ausência, para citar somente algumas. Mas também envolve questões práticas, como as técnicas de enquadramento, as luzes e sombras, a construção da espacialidade, as formas de ver e de ser visto. Portanto, toda uma compreensão de uma dimensão estética e dos usos sociais da ficção que podem ser transferidas para o campo das identidades.

Em resumo, abordamos o tema das identidades arcaicas com sua temporalidade dilatada, porém, percebidas no momento de seu retorno atual em aldeias históricas de Portugal. O retorno dos romanos, os judeus medievais, os templários, as adufeiras, que se presentificam nos territórios originários, mas agora na pele de outros e nos espaços em que ronda o turismo. Trata-se de um mesmo grupo identitário, que se mantém século após século por meio da renovação de gerações? Conservam algo dessa identidade ou há somente uma ilusão de continuidade dada pelo uso dos mesmos signos de reconhecimento? Quais são suas formas de aparição? O que da identidade de outrora se adere ao grupo atual e quais suas mutações? Essas são algumas das questões que orientaram esses estudos, que ainda que sejam locais discutem o tema mais vasto do destino das identidades culturais. Qual é o destino das identidades na longa duração? Que acontece quando a identidade se desencaixa de seus portadores?

Este livro se situa entre o relato de viagem e a pesquisa, duas formas primigênicas da narrativa.⁷ A primeira consiste em contar aos outros o

⁶Rancière, Jacques. *El reparto de lo sensible: estética y política*. Buenos Aires: Prometeo, 2014.

⁷Piglia, Ricardo. *Formas breves*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

que se viu ao longo de um percurso, e a segunda é um relato em que se tenta decifrar algo a partir de vestígios. Ao longo do livro transito por essas duas formas de narrativa. Isso é em parte por minha própria condição de pesquisador estrangeiro em uma situação de pesquisa de curta duração, que na tentativa de dar sentidos a aquilo se lhe apresenta como opaco ou enigmático sugere pistas de interpretação e realiza descrições de inúmeros fatos, que se assemelha a relatos de viagem, com a intenção de retomá-los no futuro. Disso resultou um relato de certa forma limiar a ambos os gêneros, que combina a percepção estranhada do viajante com observações teoricamente circunscritas.

A pesquisa foi desenvolvida no âmbito do programa “Ciência sem Fronteiras”, dos Ministérios de Ciência e Tecnologia e do Ministério de Educação do governo brasileiro, com o propósito de estudar um importante circuito de aldeias, conhecido como Aldeias Históricas de Portugal, criado na década de 1990, e que se estende ao longo da região da Beira Interior. A primeira parte do livro é minha narrativa sobre essas aldeias, sobre diferentes formas de aparição de identidades arcaicas nelas, principalmente os *criptojudeus* de Belmonte, os *romanos* de Idanha Velha e as *adufeiras* e *templários* de Monsanto. A maioria dessas aldeias já eram mencionadas em antiquíssimos textos de geografia de Portugal,⁸ por terem sido fundadas pelos primeiros reis de Portugal ou por serem anteriores à própria nacionalidade portuguesa, como a cidade de Trancoso, cuja fundação é atribuída ao rei da Etiópia e do Egito em 700 antes de Cristo.⁹ São aldeias e vilas que se destacam pela monumentalidade de seus castelos, por sítios arqueológicos pré-romanos e romanos, ou por marcas da presença de diferentes povos que as habitaram.

⁸Lousada, Maria. Antigas vilas, aldeias velhas, novas aldeias. A paradoxal identidade das Aldeias Históricas de Portugal. *Turismo, Inovação e Desenvolvimento*. Lisboa: Edições Colibri, p.143-174, 2008.

⁹*Ibidem*.

Esse circuito, que envolveu inicialmente 12 aldeias, foi parte de uma série de programas criados a partir da década de 1990 a nível nacional e com apoio de fundos estruturais concedidos pela União Europeia, que visavam a requalificação de áreas rurais. Desde 1960 se constatava um processo progressivo de desruralização de Portugal¹⁰, que se acentuou a partir do momento que o país passou a integrar a União Europeia. Na busca de estratégias alternativas para revitalizar regiões e aldeias, que se haviam esvaziado por causa da migração e as transformações econômicas, a vertente da valorização do patrimônio cultural das aldeias como “lugares de uma memória ancestral” foi ganhando relevância. Desde então, a proposta é promover um fluxo de turismo cultural associado à vivência corpo a corpo com o passado e que foi alavanca para a reemergência fantasmagórica de culturas que se fazem presentes em territórios praticamente vazios.

Na segunda parte deste livro incluí uma série de entrevistas realizadas com pesquisadores portugueses sobre a temática das aldeias. São entrevistas muito ricas em reflexões, chaves de interpretação e mostra do esforço realizado pelos entrevistados em transmitir uma perspectiva da longa duração. Atribuo esse esforço de sistematização à gentileza dos colegas portugueses, que consideraram as dificuldades com as quais se depararia qualquer pesquisador estrangeiro interessado em uma problemática muito local. Essas circunstâncias de elocução deram às entrevistas um tom de mapa e de descoberta; um mapa ora histórico, ora mais sociológico ou filosófico, que permite que nos orientemos no complexo quadro das diversidades topológicas e culturais das aldeias. Porém, nas transcrições não denegamos os atalhos, as incertezas, e as ambiguidades dos entrevistados, de forma a manter um certo espírito de descoberta.

¹⁰ Silva, Luís. Contributo para o estudo da pós-ruralidade em Portugal. Arquivos de Memória, n. 4. Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa, 2008.

Essas entrevistas foram editadas conforme o acordo ortográfico da língua portuguesa, mas conservando as variantes gramaticais do português do Brasil e de Portugal. Pensei inicialmente unir essas duas variantes da língua portuguesa em uma única versão, mas optei por manter o bilinguismo dentro de uma mesma língua e por motivos essencialmente estilísticos. A intenção foi reforçar, na primeira parte do livro, o lugar do visitante, do estrangeiro na terra do outro, enquanto, na segunda parte, mantemos a fala de nossos entrevistados. Os temas abordados nessas entrevistas foram muito diversos, mas foram trabalhados principalmente alguns eixos temáticos: a formação histórica das aldeias; suas clivagens geográficas e políticas; ritualística e identidades locais; e patrimônio imaterial.

Na entrevista com o antropólogo Joaquim Pais de Brito, diretor do Museu Etnológico de Lisboa, abordou-se principalmente o tema dos ciclos rituais nas aldeias de Portugal e suas transformações históricas. Já o sociólogo João Manuel Sobral apresentou diferenciações em termos do Norte e do Sul de Portugal, e entre uma cultura atlântica e outra mediterrânea. Na entrevista com o antropólogo Miguel Vaz de Almeida, a questão foi a ativação de identidades culturais arcaicas na contemporaneidade, comparando Portugal, Brasil e outros países da Europa. O antropólogo João Leal se referiu ao tema do patrimônio cultural, chamando a atenção para o caráter transnacional de algumas manifestações e diferentes estratégias de institucionalização do patrimônio imaterial. Já o geógrafo João Ferrão centrou seu depoimento em todo o processo de despovoamento das aldeias e no fenômeno de requalificação territorial. A professora Maria João Mogarro evocou a memória social da Revolução dos Cravos nas aldeias do Sul de Portugal, e a pesquisadora Marta Silva, da Universidade de Nova Lisboa, apresentou diferentes aspectos de um fenômeno marcante na vida das aldeias: o retorno dos que migraram.

Para finalizar esta apresentação, quero agradecer a algumas instituições e pessoas que possibilitaram esta pesquisa em Portugal. À Coorde-

nação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que me concedeu uma bolsa sênior de pós-doutorado; ao Centro de Estudos Internacionais do Instituto Universitário de Lisboa, que me brindou com o apoio institucional para a realização da pesquisa; a Clara Carvalho, diretora do centro; a Beatriz Padilla, coordenadora da linha de pesquisa “Estudos Comparativos Transnacionais”, que foi minha supervisora durante toda essa jornada em Portugal. Quero agradecer especialmente a Rui Jacinto e Isabel Boura, da Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional, por toda a ajuda que me ofereceram durante a pesquisa de campo. À pesquisadora Susana Santos, da Rede Portuguesa GeoLife, que facilitou nossa pesquisa em Monsanto; ao sociólogo Antônio Neves Dias, que me conduziu pelos labirintos das aldeias; a Lidia Fernandes, coordenadora do Museu e Teatro Romano e a Clara Saraiva, do Departamento de Antropologia da Universidade de Nova Lisboa, que me auxiliaram na organização da pesquisa. Quero agradecer aos moradores das aldeias de Belmonte, Monsanto, Penha Garcia, Idanha Velha e Niza, e aos professores João Ferrão, João Manuel Sobral, Miguel Vaz de Almeida, João Leal, Maria João Mogarro, e Marta Silva, que gentilmente colaboraram dando as entrevistas. Também quero agradecer ao reitor da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UniRio), Luiz Pedro Gil Jutuca, pela publicação deste livro, e às editoras Contra Capa e Mauad, que viabilizaram a edição.